ANNO XXIII DE O POVO DE AVEIRO — DOMINGO, 24 DE ABRIL DE 1904 — N.º 1:045 DE O POVO DE AVEIRO

Redacção e administração
R. de S. Martinho
AVEIRO

# POVO DE AVEIRO

SEMANARIO REPUBLICANO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO,
EDITOR, Manuel Homem Christo

Numero 246

**Assignaturas**
AVEIRO—Um anno, 1$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2$500. Semestre, 1$500 réis (fortes).
*PAGAMENTO ADIANTADO*

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

**Publicações**
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Annuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os srs. assignantes teem desconto de 30 por cento.
*NUMERO AVULSO, 30 REIS*

5.º Anno

## O ESPIRITO DAS TULHERIAS

A Restauração destruiu, pois, todo o espirito militar no exercito francez. O grande exercito que a Republica creou, insuflando-lhe o espirito patriotico, o sentimento de verdade e de justiça, que fez d'elle o primeiro exercito do mundo, declinou e perdeu-se em poucos dias. Bastou assassinar, fuzilar, aprisionar, deportar os seus homens mais illustres para os substituir pela duqueza d'Angouleme, pelas amantes do rei, pelos confessores de toda a familia real. Bastou converte-lo de defensor da patria em defensor do rei.

Essa mutação foi rapidissima. E ainda dizem que a *questão* é de homens e não é de instituições! Attentem n'esse exemplo da França, que é eloquentissimo.

A duqueza de Angouleme tornou-se o *anjo protector* do exercito. Percorria as provincias em missão de propaganda. As tropas da guarnição desfilavam sob as janellas do palacio onde a princeza se hospedava. Em seguida os officiaes subiam a cumprimentar a princeza. A princeza collocava-lhes ao peito, com as suas proprias mãos, a cruz de S. Luiz. Depois dirigia-lhes palavras amaveis, offerecia-lhes os seus serviços, arvorava-se em sua protectora.

Ao mesmo tempo era acompanhada de *confidenciaes*, recommendando aos chefes do exercito a maxima vigilancia sobre os *officiaes suspeitos*. Chefes do exercito já escolhidos entre os mais fieis, entre os mais dedicados ás instituições, embora fosse nullo o seu valor moral e o seu valor intellectual, embora fossem, mesmo, creaturas da peor especie. O primeiro ministro da guerra de Luiz XVIII é o general Dupont, o homem de Baylen, que o imperador quiz fuzilar. O ultimo é o general Bourmout, o desertor de Warterloo!

A emparelhar com esses, o general Talon, irmão da celebre madame de Cayla, amante do rei, homem cheio de honrarias, dispondo de enorme influencia de que usa a favor dos seus partidarios e amigos.

Já não é exercito francez. E' uma confraria. Nome tanto mais adequado quanto é certo ser profundo o sentimento religioso do *anjo protector* da força armada. A devoção da duqueza de Angouleme torna-se contagiosa. E' então que apparece no regulamento francez a *missa obrigatoria*, que até ahi não existia, mantendo-se até 1878, anno em que a Republica a aboliu. E' então que apparece o manejo: em *adoração armas* e a voz *joelho em terra*, á passagem do Santissimo e á elevação da hostia, até 1883, anno em que desapparece dos regulamentos. E' então que generaes, coroneis, tudo, demonstram, á porfia, a sua piedade, o seu zelo, o seu fervor religioso.

Reparae, vós todos que nos lêdes, como as mesmas causas produzem, em toda a parte, os mesmos effeitos. Reparae como os regimens são eguaes e produzem os mesmos fructos, dadas as mesmas circumstancias. Como se conservam inalteraveis, atravez dos tempos e das distancias.

Nós temos—e teremos!—a missa obrigatoria. Nós temos—e teremos! a voz *joelho em terra* e *em adoração armas*. Nós temos coroneis que vão commungar com ostentação solemne, para que conste, para que se saiba, nós temos generaes que fazem nos banquetes militares a apologia do Santissimo Sacramento, nós temos coroneis que levam os officiaes a beijar o annel do bispo da diocese, nós temos officiaes que cantam nas egrejas, nós temos na tropa o espirito da congregação, como em França no tempo da Restauração e no tempo do Imperio.

Sim. Nós temos no exercito officiaes que, publicamente, e com auctorisação superior, cantam nas egrejas. Não podem fazer conferencias. Não podem—ai d'elles!—assistir a um comicio. Mas podem cantar nas egrejas!

E voltemos á França.

Carlos X segue as pisadas de Luiz XVIII. O beaterio domina, mesmo, com mais furia. As generalas e as coronelas organisam festas religiosas em honra dos regimentos. São convidados os officiaes, que offerecem reliquias ás generalas e ás coronelas. Talvez as fivelas dos sapatos, ou pedacinhos da mortalha de madame de Cayla, que tinha morrido em cheiro de santidade!

A espionagem continúa ferozmente. As suspeições redobram. O unico cuidado do official, portanto, é mostrar o seu zelo pela religião e pelo throno. Não cura de mais nada e nada mais lhe pedem. Por isso, o estado do exercito é verdadeiramente miseravel quando se prepara a guerra á Hespanha. «Não se faz idéa, diz o marechal de Castellane, do desarranjo que havia. Depois de oito annos de repouso estava-se tal e qual como se nunca se tivesse feito a guerra.»

E *elles* a dizerem, a dizerem sempre, que o mal não é das instituições! A Republica faz, com os mesmos homens, d'um instante para o outro, d'um exercito mesquinho o primeiro exercito do mundo. A Restauração faz, com os mesmos homens, em meia duzia de annos, do primeiro exercito do mundo, outra vez uma coisa mesquinha, uma coisa desgraçada, uma coisa vergonhosa.

E o mal não é das instituições! O mal é dos homens! Assim dizem os ignorantes e os tratantes.

Mas saltemos ao segundo imperio. Não obstante as campanhas d'Africa, o exercito francez continúa abatido e incapaz durante o reinado de Luiz Filippe. Voltaremos a esse ponto. Voltaremos atraz. Agora saltemos adeante.

O imperio não faz mais do que continuar os processos da restauração. O mesmo objectivo: o exercito reduzido, exclusivamente, a guarda e policia do throno. A mesma coisa! A mesma coisa! Não se indaga senão das opiniões politicas do official. Para os altos commandos não são escolhidos os mais habeis, mas os mais fieis. O merito nada vale. O que vale tudo é a recommendação. Indaga-se quaes são os melhores empenhos para as amantes do imperador. Primeiro essas. Mas na difficuldade de chegar até essas, recorre-se ás amantes do ministro da guerra, dos marechaes, dos generaes, que tambem servem d'alguma coisa.

O imperador faz-se um dissoluto. Para satisfazer os seus vicios, e alimentar a corrupção que aguenta o imperio, tornam-se precisas sommas fabulosas. A imperatriz tem desejos insaciaveis de luxos e grandezas. A lista civil não chega. Sangre-se o thesouro. E sangre-se de preferencia no orçamento do ministerio da guerra. E' o exercito que paga, principalmente, os vicios, os desvarios, a corrupção do regimen!

A opinião clama e vocifera, de quando em quando. Mas o imperador abafa-a com mão de ferro. Não ha direito de reunião, não ha direito de associação, não ha direito nem liberdade de falar ou escrever. O imperador é um valentão. Impõe-se ao paiz como um homem de coragem. Os ministros seguem-lhe o exemplo. São valentões como elle. Mostram-se taes, pelo menos. Não trepidam em commetter as maiores arbitrariedades. Em esmagar todos os direitos, todas as liberdades. E declaram *corajosamente* que *assumem a responsabilidade*.

Em 1869, dois soldados do regimento 71 de infanteria atrevem-se a assistir a uma reunião eleitoral. São presos, transferidos para a Africa e apprehendem-lhes toda a correspondencia que lhes é dirigida. A imprensa occupa-se do caso. Victor Hugo, Quinet, Michelet escrevem ao *Rappel* cartas eloquentes, protestando contra a iniquidade. Gambetta interroga na camara o ministro da guerra. Este responde: «E' certo. Fiz tudo isso de que me accusam. Fi-lo para manter a disciplina e a honra do exercito. Fiz muito mais.» E enumera impudicamente casos semelhantes que ninguem conhecia, succedidos em outros regimentos. Accrescenta no meio dos maiores applausos da camara: «Todo o exercito é dedicado ao imperador. Em todas as circumstancias. Eu vo-lo garanto. Vós não conheceis o poder da disciplina e o sentimento de fidelidade que tem sido a honra constante do exercito francez.»

Emilio Ollivier, o presidente do conselho, levanta-se e declara que se torna solidario com o ministro da guerra e que *assume a responsabilidade*. «O imperio é a ordem, a segurança, a paz social...»

D'ahi a oito mezes,—isto era em janeiro,—esse exercito que era dedicado ao imperador mandava-o claramente, no campo de Chalons, como já vimos, a uma parte a que corresponde, cá em Portugal, á *outra banda*. Esse exercito, que era a disciplina, dava demonstrações estrondosas da mais vergonhosa indisciplina. Esse exercito, que era a ordem, a segurança, a paz social, afundava-se em ignominia. Esse imperador, esse valentão que mettia medo, de quem o povo, refere o conde d'Hérisson, dizia «*Celui-là n'est point un pacifique qui se sauverait dans un fiacre comme le père Philippe, il se ferait sauter plutôt que de se rendre*» entregava-se em Sédan como o ultimo dos covardes. Esses ministros, que *tomavam a responsabilidade*, fugiam como uns biltres. E essa imperatriz orgulhosa, reaccionaria, inimiga da liberdade e do povo, apaixonada pelos prazeres e pelo luxo, via-se obrigada a bater, supplicante, á porta d'um dentista, implorando-lhe que lhe salvasse a vida.

Ah! Como estas licções seriam uteis se os homens fossem capazes de apprender!

## "O NORTE"

Este nosso prezado collega concede-nos a honra de discutir o nosso ultimo artigo *Republicanos*.

Em o collega terminando os seus commentarios, faremos, com a cortezia e a deferencia que nos impõe o assumpto e que é devida ao collega, as considerações que julgarmos convenientes.

---

Na ultima reunião das Commissões republicanas de Coimbra, ficou assente que, por estes dias, se inauguraria o Centro Republicano d'aquella cidade.

No acto da inauguração, falarão, entre outros oradores de nome, o sr. dr. Bernardino Machado.

## A QUESTÃO DOS TYPOGRAPHOS

Como se sabe, todos os jornaes de Lisboa suspenderam a publicação, em virtude dos typographos haverem exigido augmento de vencimento, exigencia que não lhes foi satisfeita.

Achamos tão torpe adular as classes pobres como as classes ricas, tão vil rastejar deante do povo como deante do rei. Os jornaes democratas, em regra, estão sempre promptos a afagar as classes populares, lisongeando-lhes os vicios, tolerando-lhes os excessos, calando-lhes os erros, emfim, transigindo com todos os seus defeitos.

Pessimo serviço, feito á patria, á democracia, ao proprio povo!

Felizmente não pertencemos a esse numero. Ninguem mais do que nós deseja as melhorias e os progressos materiaes, moraes e intellectuaes das classes populares. Por elles temos trabalhado sinceramente e sem descanço. Mas, por isso mesmo, e exactamente porque queremos que o povo se eleve, condemnamos os seus erros, quando elles apparecem, e combatemos as suas injustiças. Ora, em obediencia a esse principio é dever nosso confessar que os typographos de Lisboa não teem razão nenhuma.

Por uma tabella, publicada pelo *Diario de Noticias*, vê-se que os 45 typographos, que compõem o quadro d'aquelle jornal, ganharam em média, na semana finda em 9 de Abril, 1$364 réis cada um, e 1$387 réis na semana que findou em 16 de Abril. Examinando a tabella sem attender à media, observa-se que, na semana finda em 9 de Abril, tres dos typographos ganharam mais de 2$000 réis por dia, tres 1$800 e d'ahi para cima, nove 1$500 e d'ahi para cima, quatorze 1$200 e d'ahi para cima e que só tres ganharam de 1$000 réis para baixo.

Na semana finda em 16 de Abril, dois dos typographos ganharam mais de 2$000 réis por dia, quatro 1$800 e d'ahi para cima, onze 1$500 e d'ahi para cima, desoito 1$200 e d'ahi para cima e que só um ganhou de 1$000 réis para baixo.

Quer dizer, a classe typographica está mais bem paga do que outras classes que os senhores typographos accusam de exploradoras. Os jornalistas, escusamos d'ir mais longe, ganham menos do que elles.

Se quem escreve estas linhas ganhasse com a penna dois mil réis por dia, quinze tostões, dez tostões que fossem, considerava-se um verdadeiro felizão. E' que nem um real! Nem um real, em remuneração do nosso trabalho! Perdemos tempo, queimamos as pestanas, gastamos luz para escrever á noite, pagamos papel e tinta, os sêllos dos subscriptos que encerram os originaes enviados á imprensa, a nossa quota nas querelas ou policias que nos sobreveem por affirmarmos e divulgarmos a verdade, sem recompensa, sem compensação de qualidade alguma, e ainda havemos de ser considerado *explorador* e *tyranno* pelos senhores typographos, principalmente depois de lêrem este artigo.

Mas, dir-nos-hão, nem todos os typographos ganham tanto como os do *Diario de Noticias*. Pois é certo. Succede, porém, o mesmo com os jornalistas, com os marçanos, com os empregados publicos, com os creados de servir, com todas as

classes, com toda a gente. Uns ganham mais, outros ganham menos. Uns tiveram melhor sorte do que outros. Estes apanharam melhor emprego, melhor casa, melhor collocação do que aquelles. A's vezes os que valem mais são, precisamente, os que ganham menos.

Os senhores typographos poderiam explicar a sua singularissima conducta, e talvez que n'esse caso tivessem razão, se todos os jornaes de Lisboa possuissem os mesmos recursos.

Não teem? Que os leve o diabo, aos mais pobres.

Oh fero egoismo, oh bestialidade, oh estupidez!

Os mais pobres são, precisamente, os que ainda defendem, peor ou melhor, a liberdade e o direito n'esta terra. São os que não vivem dos cofres da policia secreta, ou d'outros expedientes sujos. São os que não se arvoram em defensores de syndicatos odiosos. São os que estão sujeitos ás querelas, ás apprehensões, aos arrestos, ás suspensões, ás suppressões, a tudo quanto apraz ao arbitrio de quem manda. Que morram esses. Os senhores typographos, que são socialistas, teem em pouca conta a liberdade e o direito.

Para elles só vale o seu interesse. Unico! Exclusivo! Faltava mais esse pontapé no socialismo dos senhores typographos. Na decantada *solidariedade operaria*, com que nos atordoam os ouvidos. Os senhores typographos não são os unicos trabalhadores que teem interesses ligados a um jornal. Attenderam aos interesses dos outros? Entenderam-se com elles para salvaguardar esses interesses? Combinaram-se, como bons *companheiros*, como bons *irmãos no trabalho*? Harmonisaram-se? Procederam de commum accordo? Qual! A influencia do meio foi superior á influencia da doutrina. Estão no regimen do *venha a nós*. Cada um *governa-se*. E promptos a assumir responsabilidades, como o Hintze!

O Hintze assume responsabilidades com a municipal á mão e o povo desarmado, desalentado, embrutecido, inerte. Os senhores typographos, agora, tambem eram a força. Não estiveram com mais aquellas: jornaes suspensos, e os outros, os restantes trabalhadores de jornaes, impotentes perante a colligação dos senhores typographos, que fossem tratar das bombas, que é *officio leve*.

D'onde se vê que o Hintze faz escola. Até na estupidez. O Hintze é um grande estadista. Toda a gente o proclama. Mas cada vez compromette mais a nau desarvorada!

Toda a gente é assim n'este paiz. Quanto mais intelligentes, mais asneiras. Eu tremo d'um homem, quando me dizem que é muito intelligente. Se é medico, mata os doentes. Se é advogado, perde as demandas. Se é engenheiro, estraga pontes e calçadas. Se é official militar, estabelece a indisciplina e a desordem no exercito. Para um acto acertado, de bom senso, é forçoso recorrer aos que não *são intelligentes*. A's vezes descer até na escala, ir ao mestre d'obras, ao solicitador, e ao sargento.

Os senhores typographos são muito intelligentes. Eu só desejava saber o que elles farão, se, vingando as suas reclamações, acabarem os jornaes que já vivem pela hora da morte e que, depois, de modo algum se poderão aguentar.

Chegamos a concluir que nem aos seus proprios interesses attenderam.

Mas attenderam *á honra*. Mostraram que eram alguem. Suprema aspiração de todo o portuguez!

Olá. Em um portuguez mettendo figura, ainda que seja figura de parvo, em fazendo ruído em volta de si, em gesticulando e palrando, em accordando os *echos da fama*, em vendo o nome em lettra redonda, póde morrer de fome, que morre contente, ou, pelos menos, com doce resignação.

Abençoados os pobres de espirito, que d'elles é o reino do céo!

# O COMICIO NA GUARDA

O nosso prezado collega *O Norte*, descrevendo o que foi o comicio da Guarda, onde falaram diversos oradores republicanos, sendo muito victoriado pelo povo d'aquella cidade, diz que o dr. João de Menezes foi recebido com grande ovação. Disseram lhe em Lisboa que talvez não fosse bem recebido declarando alli, n'aquellas terras da Beira, que era republicano. Respondeu que homens não teem mêdo de fallar a homens e que, assim dizia a todos aquelles que o ouviam, ser republicano, ser defensor da Republica. *Muitos applausos*.

Os homens da Guarda pertencem a uma terra que diz o povo ser fria e forte. Fria talvez por não fallar muito e querer mais obras do que palavras; forte, com certeza o havia de ser no dia em que o povo da provincia dissesse a valer da sua justiça, fosse a quem fosse e fosse como fosse.

Insistindo na exposição dos seus principios fez a critica de todos os governos e partidos monarchicos.

Disse que o povo não devia acreditar em quem o arruinou e ameaça com a miseria. *Ruidosas manifestações*.

Explica o que seja a administração extrangeira comparando o que se passa com o lavrador que pouco a pouco vê a terra hypothecada ao agiota e um dia não podendo pagar se encontra na situação de trabalhar n'essa terra, que já não é d'elle, para o agiota.

E' o que succede com os paizes que chegam á situação de Portugal.

N'este momento o orador energicamente combate os causadores da desgraça nacional, e com tal violencia que o povo irrompe em applausos enthusiasticos.

Depois diz que o partido republicano quer, compara Portugal com a Suissa, descreve o que deseja para o seu paiz e de novo faz a sua profissão de fé republicana.

O povo irrompe em vivas ao orador, ao partido republicano, á Republica, ao dr. Nunes da Ponte, Padua Correia, Teixeira de Carvalho, etc.

## TRANSCRIPÇÕES

A *Semana Alcobacense* transcreve um dos nossos artigos sobre o *Exercito Portuguez* e promette transcrever os restantes.

*O Norte*, importante diario portuense, tambem transcreveu o nosso ultimo artigo editorial—*O Espirito das Tulherias*.

*O Povo do Norte*, de Villa Real, e a *Justiça*, de Coimbra, transcrevem o nosso artigo—*Perigos*.

Agradecemos aos collegas a distincção que nos concedem.

## Apprehensão

Na terça-feira foram apprehendidos pelos guardas fiscaes, Manuel Villela e Domingos dos Santos Carrancho, na estrada d'Ilhavo, 546 metros d'isca illegal, a um contrabandista, que em seguida á captura conseguiu evadir-se pelas terras fóra, sendo impossivel agarra-lo.

No jumento que conduzia foi-lhe encontrado um guardã-chuva e tres mantas. Tanto o jumento como o guardã-chuva e mantas são hoje arrematados á porta do Posto da Guarda Fiscal, pelas 11 horas da manhã.

## Caso engraçado

O sr. Augusto de Carvalho dos Reis foi ha tempo regeitado para socio do «Monte-Pio Aveirense», por se reconhecer que elle tinha tendencia a *apparecerem-lhe varizas nas pernas*.

Se não fosse ter sido o proprio interessado que nos contou *a historia*, creiam que não acreditariamos em tal.

Sensata senhora direcção que tal *abôrto* deixou passar!

Lá fóra, ao ouvir-nos, sempre se hão-de rir um pouco do caso, que é dos taes de cabo de esquadra.

# Cartas d'Algures

22 DE ABRIL.

Interrompo hoje as considerações que vinha fazendo, que são de menos opportunidade, para dizer duas palavras sobre o acto politico que mais prende as attenções do paiz n'este momento, isto é sobre a dissolução das camaras.

Não posso escrever tudo quanto me vae no pensamento. O juiz Veiga teria de intervir e eu não estou muito resolvido a provocar as iras dos nossos senhores. Sempre entendi que éra loucura combater com armas deseguaes. Apprendi nos livros e na experiencia que o primeiro dever d'um combatente é não gastar esforços nem munições inutilmente, é não se expôr, é não comprometter a sua propria pessoa sem necessidade imperiosa. Quantos erros, n'este ponto, eu não tenho visto commetter! Aos republicanos sobretudo.

Não direi, pois, quanto penso, ou, antes, quanto teria vontade de dizer sobre esse novo attentado. Limitar-me-hei a registar o facto para futuras averiguações, ou liquidações, se tiver vida e saude para as presenciar.

Mas já é demasiado desprezo! Acabava o ministerio de obter uma recomposição. Mais uma recomposição! Eu já nem lhes sei o numero. Tinhamos á porta a epocha das eleições geraes. E é n'esta altura que se dissolve a camara dos deputados!

E' audacia? E' valentia, como alguns pretendem? Não. E' desprezo. O mais absoluto, o mais desdenhoso, o mais ultrajante desprezo pela opinião publica. Não ha audacia, nem valentia aonde não ha perigo.

Audacia! Valentia! Ha homens intelligentes que assim qualificam estes actos de affrontoso despotismo. E eu pasmo!

Audacia, valentia em dar pontapés n'um corpo morto! Quem resiste? Onde apparecem symptomas de resistencia séria? Os governos, os patrões, que esta palavra é mais lata e mais significativa, sabem muito bem com quem lidam. A mim, é isto que me revolta.

Sinto a indignação d'aquelle que vê esbofetear uma creança.

A's vezes quero ver se encontro uma infima parcella de seriedade n'estes *actos de força*. Mas, por mais que prescrute, não encontro nada.

Os altos poderes do estado, os *patrões*, quereriam consultar o paiz sobre a questão dos impostos e outras pendentes?

Em Inglaterra, como se sabe, faz-se isso. A's vezes o governo sente-se abalado. Questões graves agitam a opinião publica. O corpo eleitoral vem-se manifestando contra o ministerio em successivas eleições supplementares. E o gabinete propõe á corôa a dissolução das camaras como uma consulta dirigida ao paiz.

Fez-se entre nós coisa equivalente? Coisa parecida?

Não. Seria irrisorio, fazer consultas á opinião publica com a lei eleitoral de que dispomos e com todos os processos de violencia e de burla que caracterisam o suffragio entre nós. A urna fala com tamanha unanimidade a favor dos governos que nem elege senão os deputados da opposição que o ministro do reino admitte.

Depois, se as eleições geraes se realisavam em novembro, que precisão havia de recorrer á urna desde já?

O motivo da dissolução não foi esse. E qual seria ignora-se.

Deve-o saber o sr. Arroyo. Mas é segredo de sua excellencia e das aguas do Bosphoro que deixaram de banhar Constantinopla para banharem Lisboa.

Os *patrões* não toleram que os senhores deputados tenham presumpções de independencia. A camara é uma das grandes mentiras do regimen. A *soberania popular* ha de estar quietinha e calada. Só assim a toleram. Agita-se, mexe-se, levanta a grimpa? Leva dois pontapés e é expulsa.

Isto, porém, não é motivo sufficiente. Ha de haver mais alguma coisa. O que será? Querem os *patrões* fazer jogo a favor d'algum progressista interessado em apanhar a herança do sr. José Luciano? Será isso?

Ignoramos.

Sejo o que fôr, o caso representa, no emtanto, mais um pontapé na opinião publica, desprezada e vilipendiada sem descanço.

Estamos em pleno despotismo. Cada vez ha menos duvidas a esse respeito.

A. B.

## Escola de tiro

E' hoje que partem para a escola de tiro na Gafanha, os filiados nos grupos de atiradores civis das associações locaes, juntando-se-lhe em Ilhavo os das duas associações d'alli

Consta-nos que n'esta ultima localidade é feita recepção grandioza aos atiradores de Aveiro, confraternisando assim os grupos das duas localidades.

E' esse um dos motivos que leva os filiados a irem por terra, porque para o futuro serão as viagens feitas pela via maritima, ficando assim mais commodas e economicas.

Além da parte util que tem este novo melhoramento, é tambem um alegre passatempo e um excellente meio a proporcionar-se para bonitos passeios á florescente matta da Gafanha, que lhe fica fronteira.

As provas de hoje, que tem o caracter puramente associativo, estendem-se depois a todas as pessoas que se queiram filiar no tiro civil.

## Uma mulher-marinheiro

Segundo informam de New-York, recolheu recentemente ao «Albergue dos velhos marinheiros» o capitão John Tweed que, desde ha largos annos, commandava um navio mercante transantlantico. Ora, ha dias, foram encontrar, no armazem do referido albergue, o cadaver de John Tweed que se suicidára dando um profundo golpe na garganta.

Coisa assombrosa! o exame do cadaver conduziu a uma sensacional descoberta: o protenso capitão, o velho lobo de mar tão experimentado e temido era... uma mulher. Ignora-se o verdadeiro nome, os motivos da sua longa mudança de sexo e as razões porque se suicidou.

Para passar por marinheiro, devia, com certeza, ter uma cara muito feia desde a sua juventude. E, se era assim, a *humanidade* nada perdeu com tal dessimulação.

## DESASTRES

Esta semana foi fertil em desastres n'esta cidade.

Um rapaz da Beira-mar foi curado na pharmacia aveirense porque rasgara profundamente o couro cabelludo n'uma quéda que deu.

Foi egualmente alli curado um operario que n'umas obras em construcção na rua de St.ª Catarina se ferira bastante por desastre.

A um rapazito empregado na fabrica de ceramica dos srs. Mello Guimarães & Irmãos, foram-lhe amputados alguns dedos das mãos porque tendo-as mettido n'um prensa de telha, onde trabalhava, lhe foram colhidas de tal forma que ficaram horrivelmente mutilados.

O infeliz andou ahi pelas ruas da cidade, como Jesus andou de Herodes para Pilatos, com os dedos pendurados, os braços ao largo, pingando sangue e gritando afflictivamente, o que fazia com que atrahisse grande numero de pessoas ás janellas e portas de habitação.

Um espectaculo desolador que bem se poderia ter evitado, se os seus companheiros de trabalho tivessem mais um bocadinho de caridade, conduzindo o infeliz a um facultativo que estivessé mais proximo.

Por fim foi curado na pharmacia Ribeiro, sendo-lhe, como já dissemos, os dedos amputados e recolhido ao hospital da misericordia.

# MANIFESTO DOS JORNALISTAS DE LISBOA

D'este manifesto, que recebemos já depois de escripto o artigo que vae n'outra parte sobre a questão dos typographos, transcrevemos estes periodos:

«Nos jornaes que tinham tabellas de preços mais elevados, os compositores ganhavam em média geral 1$200 a 1$400 reis por dia, havendo operarios que tiravam médias superiores a 1$800 e 2$000 réis, como se verifica pelos mappas, assignados pelos proprios compositores, que foram apresentados n'uma das nossas reuniões pelas respectivas emprezas e que ficam patentes ao publico na séde dos respectivos jornaes. Nos jornaes que tinham tabellas com preços menos elevados, e que se sujeitavam por isso mesmo a pessoal menos apto, trabalhando de empreitada, ganhavam em geral 800 a 1$200 réis por dia e, se havia compositores que tirassem menos salarios, era por serem menos assiduos, menos competentes ou menos válidos, ou em virtude de contractos feitos por elles proprios com intermediario da sua classe.

Muitos jornaes não poderiam com qualquer augmento de despeza; por conseguinte a elevação do preço da mão de obra typographica obrigara-os a desapparecer, com prejuizo para todo o pessoal que a elles teem interesses ligados. Nos jornaes não ha apenas directores e typographos. Ha redactores, collaboradores, revisores, reporteres, informadores, empregados da administração, operarios de stereotypia e impressores, distribuidores, etc. D'elles vive a numerosa classe dos vendedores que teem um trabalho tão extenuante. Além dos typographos, vivem da vida dos jornaes muitas centenas de trabalhadores.

Accrescia que alguns jornaes tinham contractos escriptos com os seus quadros typographicos, e, regulando-se pelas despezas d'esses contractos, haviam tomado compromissos de diversa ordem. Esses contractos eram bruscamente quebrados pela organisação do trabalho, sem nunca ter havido qualquer reclamação por parte do pessoal.»

Que grandes pandegos, que são os taes senhores typographos da capital!

## Companhia Lisbonense

Representou-se hontem, pela primeira vez, a peça de grande espectaculo em 5 actos e 7 quadros, extrahida do romance de Alexandre Dumas, «O Conde de Monte-Christo», que obteve um successo extraordinario.

E' de esperar que seja hoje repetida. E' enchente certa.

E' de grande conveniencia, que quem fizer tenção de ir ver esta excellente peça dramatica, se previna cedo com os logares, do contrario arrisca-se a ficar sem bilhete.

## Fallecimentos

Acaba de fallecer no Bunheiro o velho e honrado ancião Joaquim Marques Villar, pae extremoso do proprietario e redactor de «Os Successos», sr. Antonio M. Marques Villar e do sr. Luciano Marques Villar, importante commerciante da praça do Porto.

A toda a familia, mas especialmente a estes dois srs., enviamos os protestos do nosso profundo pezar.

*

Tambem succumbiu um filhinho do sr. dr. Luiz Augusto Pinto de Carvalho Mesquita, digno notario em Villa do Conde e um dos mais distinctos advogados que teem pleiteado no tribunal d'esta comarca.

A sua ex.ª e sua ex.ma esposa os nossos sinceros e sentidos pezames.

*

Terça-feira finou-se n'esta cidade o sr. Joaquim de Figueiredo, o Pinhão, commerciante estabelecido na rua dos Mercadores.

## Uma cobra monstro!

A *Folha do Norte*, do Brazil, publicou a seguinte e interessante correspondencia do sr. dr. Alcides Bahia, do extincto jornal *O Noticias*, do Pará, e que nós a reproduzimos a titulo de curiosidade:

«Para offerecer ao museu do meu Estado, o meu digno amigo Francisco Xavier da Veiga Cabral, trouxe, na ultima viagem que fez ás ilhas, a costella de uma cobra que foi morta pelos indios que habitavam á margem direita do rio Pacajá, e que constitue um especimen digno de alta menção e apreço.

Esse animal, de avantajadas proporções, existia no mencionado rio, impondo-se como um inevitavel flagello e perigo aos indios alli moradores, devorando-os continuamente.

A tribu, já quasi extincta, procurava *ainda assim* todos os meios ao seu alcance afim de dar cabo do formidavel inimigo, que zombou sempre dos processos empregados, no sentido de lhe pôr termo á vida.

As cordas, em cujas extrimidades eram collocados enormes anzoes iscados, rebentavam ao menor movimento do monstro que tinha a sua despensa na já redusida tribu que, inutilmente, luctava contra tão desegual adversario.

Por fim, diversas tribus reuniram-se á perseguida e todas accordaram no meio ultimo, na tentativa final de caçar o terrivel irracional.

Durante todo o anno deixaram os indios crescer os cabellos, após o que teceram uma longa corda com elles. N'uma das extremidades prenderam uma cruz de paxiuba e n'esta iscaram um indio, que fallecera, tendo ainda envenenado o cadaver.

A outra extremidade da corda seguraram a um jatahyzeiro e lançaram, então, ao rio a envenenada isca.

O monstro enguliu-a e, vendo-se preso, debateu-se furiosamente. A corda de cabellos não cedeu, sómente o jatahyzeiro sob a violenta força do animal, ficou inclinado sobre o rio.

Preso o monstro d'esse modo e tendo no bojo o corpo envenenado do indio morto, morreu tambem, sendo arrastado pelas tribus para terra, uma parte sómente da cobra, de um comprimento de 35 braças, seguramente, ficando o restante n'agua, por não haver forças capazes de a trazerem para fóra.

Existe ainda hoje o vestigio deixado pelo corpo do bruto, ao ser puxado para terra.

A costella que Veiga Cabral offerece ao nosso museu é uma das menores do animal; causa, emtanto, admiração pelo tamanho.

Elle conseguiu obtel a dos srs. João Maria da Silva, Manuel Rodrigues dos Santos e D. Delfina Paes Siqueira, residentes em Manarijó.

No logar onde foi morta a cobra, ha ainda hoje alguns ossos do animal, em abandono, existindo por lá varias pessoas que viram a ossada e contam o facto como vae aqui mencionado.

Estas informações devemol-as, porém, ao obsequio espontaneo e certo do rev. conego Estevam Teixeira, que ainda nos referiu ser de mais de 82 braças a profundidade do logar onde demorava o monstro.

Os indios chamam a esse ponto «Boiussúriquitana», que os siringueiros mudaram para—estirão do Boiussú. «Boiussúriquitana» quer dizer logar onde foi pescada a cobra.

A costella a que nos referimos tem sete palmos de comprimento, e ainda lhe falta um pedaço, e pesa mais de trez kilos.»

## Previsão do tempo

Escolastico faz as seguintes previsões ácerca do tempo provavel na segunda quinzena de abril:

De 24 a 26—Tempo de primavera com calor ao centro e forte rocio. Céu nublado no Levante; calor e tempestade na Andaluzia e Extremadura; bom tempo mas com nevoeiros na Galiza. Na Catalunha, céu nublado e sudoéste. Em muitas regiões, dias aprasiveis. Nas costas do noroéste, temporal. No mar Cantabrico reflexão e no Porto-mar grosso.

De 27 a 30—Céu nublado e chuva ao centro, Aragão, Mancha e Levante. Pronuncios de tempestade na Catalunha e Extremadura; temporal e calor ao sul; nordéste e sudoéste frouxo na Galiza e Portugal; calor e athmosphera tranquilla a suéste; temporal no Cantabrico, com reflexão em Barcelona, e por fim borrasca no Atlantico e no estreito de Gibraltar, com reflexão no Mediterraneo.

## A miseria de Londres

Vinte e cinco mil pessoas sem azylo! tal é o certificado official do que está sendo a miseria em Londres, certificado estabelecido pela commissão de hygiene publica da grande capital do Reino-Unido.

E semilhante resultado foi fornecido pelas indicações de uma estatistica referente á noite de 29 para 30 de janeiro do corrente anno: 1:509 homens e 120 mulheres dormiram toda a noite, até ao romper da madrugada, sobre os pavimentos das ruas, á falta de uma triste choupana que os abrigasse; 100 homens e 63 mulheres resignaram-se a dormir nas cocheiras; 23:442 pessoas de ambos os sexos encontraram, por um penny, 25 réis, logar onde pernoitassem nos albergues nocturnos. A assignalar, entre esses miseraveis que erram toda a noite pelas ruas de Londres, nada menos de 54 rapariguitas de 16 annos incompletos e 33 creanças com menos de 14 annos.

## SOCIEDADE RECREIO ARTISTICO

Pedem-nos a publicação do seguinte:

Esta florescente aggremiação projecta fazer uma excursão de Aveiro ao Bussaco no dia 17 de julho proximo futuro, para socios, não socios e familias, achando-se desde já em poder do thesoureiro da commissão, sr. João Ferreira Felix, morador na rua direita, as respectivas senhas semanaes que serão entregues ao individuo inscripto em troca de 100 reis por cada uma.

Todo o individuo inscripto tem direito a fazer a acquisição do numero de senhas que achar conveniente, tanto para si proprio como para sua familia, recahindo na commissão a responsabilidade da compra de bilhetes á companhia dos caminhos de ferro para a referida excursão e ao thesoureiro a responsabilidade de indemnisar o excursionista do resto do dinheiro em cofre, caso este o tenha alli depositado.

Aos que não tiverem em deposito verba sufficiente, ser-lhe-ha entregue no dia 16 de julho o seu deposito, assim como em egual dia receberão o resto do preço do seu bilhete aquelles que tiverem deposito a mais.

Até ás 9 horas da tarde do dia 10 do referido mez de julho, o presidente da commissão, sr. José Marques d'Ameida, ficará por cada individuo inscripto, sciente do numero de bilhetes que cada um deseja para sua familia, e bem assim o thesoureiro até á mencionada data e hora, reembolsado da quantia necessaria para tal fim

No dia 1.º de maio tem começo a venda das senhas no estabelecimento do sr. thesoureiro e terminará no dia 10 de julho do corrente anno.

*

As inscripções acham-se patentes nas sédes do Recreio Artistico, Club Mario Duarte, Associação dos Bombeiros Voluntarios, Associação dos Constructores Civis, Associação dos Bateleiros, e Associação dos Agricultores.

C.

## A nossa carteira

Em direcção ao Norte, passou quinta-feira na estação do caminho de ferro d'esta cidade, o nosso amigo sr. Manuel Guedes Alvim.

Feliz viagem.

*

Esteve domingo e segunda-feira em Aveiro, o nosso patricio sr. Manuel Pereira Serrão, acreditado negociante, em Lisboa.

*

Regressou de Braga a esta cidade, o sr. dr. Carlos de Almeida Braga, digno governador civil do districto.

*

Acompanhado de seu irmão, o sr. Anthero Duarte, partiu para Sevilha, o sr. Mario Duarte, intelligente inspector dos impostos em Lisboa.

*

Regressou á sua casa da Figueira da Foz, o sr. Henrique de Barros, conceituado negociante d'aquella cidade.

*

Estiveram em Vizeu e Guarda, afim de tomarem parte nos comicios que alli se realisaram, os srs. drs. Cupertino Ribeiro, João de Menezes e Nunes da Ponte.

*

Tem passado incommodado de saude, o sr. Joaquim Rodrigues de Faria, negociante estabelecido na rua do Alfena d'esta cidade.

*

Esteve em Aveiro o sr. dr. José Alberto do Amaral, integerrimo juiz da comarca de Vagos.

*

Tambem vimos em Aveiro, os srs. Manuel Maria Amador, Antonio Simões Ferreira de Lima e Manuel dos Santos Patto.

*

Estiveram quarta-feira no Porto os srs. Antonio Augusto e Maximo Henriques d'Oliveira, considerados constructores d'obras d'esta cidade.

*

Está em Lisboa o sr. Benjamim de Paiva Curado, digno capitão do porto de Aveiro.

*

Fizeram annos as srs.as D. Maria José Ferreira Pinto Basto, virtuosa esposa do sr. Gustavo Ferreira Pinto Basto, digno presidente da camara municipal de Aveiro, e D. Laura Ferreira Esteves, sympathica esposa do sr. Alfredo Esteves Ferreira, proprietario e negociante d'esta cidade.

*

Esteve n'esta cidade, com pouca demora, o sr. José Fernandes Mourão, digno administrador em Espinho.

*

Já se encontra n'esta cidade, Monsieur, Oth. Luthy, chel monteur, da casa Buhler Hermanos, de Uzwil (Suissa), que vem installar a nova fabrica de moagem, nos Santos Martyres.

## PUBLICAÇÕES

*Breves considerações sobre a situação actual do paiz e necessidade immediata da democracia.*

Conferencia feita no *Centro Republicano José Falcão*, da Figueira da Foz, em 4 de abril de 1904, pelo sr. Fausto de Quadros.

Recebemos e agradecemos.

*

**Semana Illustrada.**—Recebemos o n.º 20. Summario: Duqueza de Palmella (illustrado). D. Laura Martins de Carvalho (illustrado). Feminismo por Juan de Madrid, Orphã, a cigana (novella, paginado). Julia Bartet, (illustrado). Litteratura, Curiosidades, Theatro, etc.

*

**A Revista.**—*Mensario de sciencias e lettras.*

Recebemos o numero 10 d'esta excellente publicação, que contém artigos de Theophilo Braga, José Caldas, Joaquim de Vasconcellos, Joaquim de Araujo, Carlos Magalhães de Azevedo, dr. Cunha, Vieira da Costa, etc.

*

**A Sultanetta.**—E' o titulo de um romance de Alexandre Dumas, que acaba de ser publicado pela Empreza da Bibliotheca de Traducções.

E' um volume de 320 paginas, e custa apenas 100 réis.

Agradecemos o exemplar que nos foi enviado.

## Mercado de Aveiro

Os preços dos generos porque correm no mercado d'esta cidade, são os seguintes:

| | |
|---|---|
| Feijão branco | 700 |
| » encarnado | 840 |
| » manteiga | 560 |
| » amarello | 630 |
| » misturado | 540 |
| » caraça | 800 |
| » frade | 750 |
| Milho branco | 640 |
| » amarello | 620 |
| Trigo gallego | 1$060 |
| » tremez | 920 |
| Cevada | 720 |
| Centeio | 680 |
| Batatas, 15 kilos | 480 |
| Ovos, duzia 120, milheiro | 1$200 |

## Notas alegres

BESTAS.—Em dia de S. Elias foram dois religiosos ao Carmo e disseram aos padres que estavam á porta recebendo os que entravam: V. Paternidades, perdoem por virmos só dois, mas é por que não havia mais bestas em casa».


## CAIXEIRO

PRECISA-SE d'um com pratica de mercearia e vinhos para uma casa d'esta cidade.

Prefere-se que tenha boa caligraphia e que dê fiador á sua conducta.

Carta a esta redacção.

## EMPREGADO

HOMEM com bastante pratica de commercio, habitos de trabalho e alguma instrucção litteraria, deseja collocar-se em escriptorio, fabrica ou casa commercial, onde possa trabalhar em harmonia com as suas aptidões.

Conhece além de outros o negocio de cereaes, legumes e vinhos, cujas transações póde promover.

Quem precizar ou quizer mais esclarecimentos, deixe carta n'esta redacção, com as iniciaes.—**P. A.**

## Aos agricultores

**Adubo organico para terras, vende-se a retalho e em saccas de 75 kilos, no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas, á Praça do Peixe—AVEIRO.**

Este adubo, com resultados maravilhosos para a cultura das terras, convém especialmente para as terras calcareas, dependendo a quantidade a empregar-se da qualidade do terreno a que fôr applicado. Tratando-se d'uma cultura importante é conveniente submetter a analyse da terra ao agronomo da localidade para elle estabelecer essa quantidade.


## FOLHETIM

(46)

CAMILLO CASTELLO BRANCO

# O OLHO DE VIDRO

*(Romance historico)*

### XV

### Angustias que existiram

— Pois bem: haja uma só, e seja a sua. Todas ellas dão as suas melhores corôas aos seus martyres, corôas tecidas dos mesmos espinhos, e abençoados da mesma benção; mas é preciso soffrer, soffrer sem infligir tortura, sem retalhar o peito de outra fé para lhe ir lá dentro remoer com ponta de ferro em brasa a consciencia. Braz Luiz de Abreu, respeito grandemente a sua angustia, e dou graças ao Senhor do céo e terra que lhe está vertendo balsamos no roer do cancro que lá deve ir n'essa pobre alma. Siga a sua religião, eu lhe seguirei os passos n'ella, e ajoelharei ao seu lado, sem receio de que estejamos cada um de nós orando a differentes creadores. E seus filhos? E seus filhos?—proseguiu Francisco Luiz—quer que eu vele pelo futuro d'elles?

— Mercês, meu amigo. Meus filhos hão de ter pão e futuro. Trabalhei; tenho ahi uns bens. Continuarei a trabalhar para augmental-os. Minhas cinco filhas hão de ser freiras; meus filhos seguirão o sacerdocio.

— Qual é o seu destino, Braz?

— Tomar ordens clericaes. Hoje mesmo vou caminho de Lisboa. E vossemecê deixa Portugal?

— Ainda não.

— Adeus, pois, até quando?... Até á eternidade?

— Ainda não. Ver-nos-hemos antes. Não se morre assim depressa... Os desgraçados são de bronze. Quer Deus que elles vivam muito para serem muito vistos como pompas do mal necessario.

### XVI

### O padre Braz

O famigerado auctor do *Portugal-Medico* appareceu em Lisboa, cingido pelo cordão franciscano, sobraçando o manto pardo, fronte abatida, faces sulcadas e desfeitas, a luz dos olhos amortiçada, e um amarellido de rosto accusando tanta afflicção interior, que não havia olhos enchutos que o vissem.

Por casas de bispos e mais jerarchias da egreja andava o irmão professo da ordem terceira, solicitando a sua ordenação de missa, e a concessão de recursos que o ajudassem a converter em convento o conservatorio de S. Bernardino, onde tinham sido recolhidas D. Josepha e suas filhas.

D. João V, informado da resolução mysteriosa do celebre Olho de Vidro, cujas facecias o tinham muito alegrado, quando sua magestade, em hora de pachorra, consentia que o seu medico lh'as lêsse, desejou ouvir da bocca do famoso Braz Luiz uma historia escassamente conhecida das altos dignitarios da egreja.

Braz Luiz foi levado ao paço pelo doutor José Rodrigues de Abreu, medico de el-rei. O filho de Pedro II revelou o desejo que tinha de saber que fundo reviramento se operára no espirito de um pae de sete filhos, para, no vigor dos annos, se privar das caricias da familia, e defraudar a esposa de marido e os filhos de pae.

O medico referiu a sua historia, a sós com o curioso monarcha, depondo na consciencia e religiosidade de el rei os pontos melindrosos e secretos da sua vida. Sensibilisou-se o soberano, e em paga da confidencia lhe fez mercê das rendas do real d'agua para que as elle applicasse á fundação do convento de D. Josepha. Ordenou mais el-rei, de harmonia com o nuncio, que não delongassem a Braz Luiz de Abreu as ordens solicitadas, de modo que entre umas e outras não interferisse mais tempo que o necessario, em conformidade com o maximo gráo da dispensação em taes casos usada. Por maneira que Braz Luiz, ao cabo de seis mezes estava clerigo de missa. O concilio tridentino permittia e explicava santissimamente todas estas coisas, que hoje se nos affiguram monstruosas irregularidades. N'este anno da graça de 1866, póde qualquer novelleiro citar o concilio tridentino, por que é presumivel senão certo, que por amôr do casamento civil toda a gente de alguma curiosidade reveza a leitura das decretaes com a dos concilios.

Pois o logar do concilio tridentino que permittia desatarem se esposos, e vestirem-se habitos, e professarem, e deixarem os filhos sem paes, é a *Sess 24 de Matrimonio, Can. 9.*

Ao mesmo tempo, o padre Braz Luiz de Abreu foi nomeado syndico do convento permittido, e, por um breve, tambem nomeado medico d'elle.

Tornou se o padre de Lisboa para Aveiro, e entendeu logo nas obras do convento novo. Podia, se quizesse, dizer logo missa nova, mas reservou-a para o dia que sua mulher e filhas professassem.

A edificação do convento fez-se n'um anno. Sobravam os recursos, além do subsidio real. Os cavalheiros da terra concorriam com grandiosos donativos, e muitas esmolas de procedencia desconhecida iam dar ás mãos do syndico. O hebreu Francisco Luiz observou que o seu dinheiro maldito não queimava as mãos ungidas do sacerdote.

Algumas vezes o padre Braz Luiz de Abreu entrou ao locutorio ou grade para se entender com a mãe de seus filhos sobre coisas attinentes á profissão. Dizem as memorias que nunca jámais ellel he vira o rosto, porque D. Josepha o velava com um espesso véo negro.

Aos vinte e quatro de dezembro de 1734, passados trinta e trez mezes de noviciado de cruelissimas dores, de incomparaveis desmaios, as cinco filhas de D. Josepha, trajadas para a festa do martyrio como sua mãe ajoelharam ao lado d'ella, e abdicaram nas mãos da prioreza tudo que podesse parecer ao mundo coisa melhor do que o escuro abysmo em que de repente se viram despenhadas.

*(Continúa.)*

# EMPREZA CERAMICA

DA

## FONTE NOVA

DE

## Mello Guimarães & Irmãos

AVEIRO

FABRICA a vapor de telha do systema de Marselha, feita pelos processos mais modernos e aperfeiçoados.

**Encontra-se á venda n'esta fabrica grande quantidade de telha franceza e seus accessorios, e bem assim outros artigos para construcções, taes como: azulejos para revestimento de paredes de variados gostos, vasos para frontarias, siphões, balaustres, manilhas, etc., productos que rivalisam com os das principaes fabricas congeneres do paiz.**

**Tejolos de varias dimensões.**

**PREÇOS MODICOS**

# ESTABELECIMENTO

## DE MERCEARIA E FERRAGENS

—DE—

## ANTONIO FERREIRA FELIX,

**Filhos (Successores)**

N'ESTE antigo estabelecimento vendem-se ferragens nacionaes e estrangeiras, taes como: ferro em barra e em chapa, zinco, folha zincada, faqueiros de Guimarães e estrangeiros, paz de aço, ratoeiras de ferro e arame, fechos, fechaduras e dobradiças, panellas de ferro fundidas e estanhadas, chaços de ferro, fogareiros, pulverisadores de differentes marcas, arame para ramadas, rêde para vedações, alvaiades, vernizes, drogas, tintas preparadas e em massa, mercearia, madeiras, etc., etc.

*MODICIDADE DE PREÇOS*

**RUA DIREITA N.º 43 a 45**—AVEIRO

# MAIS UM TRIUMPHO!

## As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

## E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas teem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

**75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79**

# Abastecimento de carnes á cidade de Lisboa.

**Esta empreza previne os criadores de que recebe gado para açougue nas epochas proprias pelos preços que constam do seu contracto.**

**Venda de productos do Matadouro Municipal de Lisboa, sangue secco e pulverisado para adubos (o mais rico em azote), tonelada réis 68:000, tripa larga 240 réis cada masso, tripa estreita 260 réis cada masso, couros todos os sabbados ao meio-dia, sebo, estrume, etc.**

## Rua da Boa Vista, 3 Lisboa

## ATTENÇÃO

VENDEM-SE

PULVERISADORES

| | |
|---|---|
| **Systema Vermorel** | **8000** |
| **Gallott** | **9000** |
| **Gobet** | **9000** |
| **Topilhos, systema Vermorel** | **4500** |

no deposito da importante casa bacarense Antonio Correia Braga. Em Aveiro, Antonio Ferreira Felix, Filhos (Successores) aonde acaba de chegar uma grande remessa d'este artigo.

Todas as machinas se vendem garantidas por cinco annos.

## "Os ultimos escandalos de Paris,,

Grande romance de Dubut de Laforest, illustrado de numerosissimas e esplendidas gravuras. Mais interessante que os *Mysterios de Paris* e *Rocambole*. Romance de acontecimentos sensacionaes e veridicos occorridos na actualidade. Obra moralissima pela edificação dos factos relatados e pelas injustiças que esses mesmos factos frequentemente annuncia. *Brinde a todos os assignantes*: Uma elegante capa de brochura para cada volume, impressa a duas côres e com desenhos apropriados ao assumpto tratado no mesmo volume. Um *premio* da Santa Casa da Misericordia de Lisboa nas condições dos prospectos em distribuição.

Fasciculo semanal de 40 paginas e 5 gravuras, 50 réis. Volume mensal de 160 paginas e 20 gravuras, 200 réis.

Assigna-se em todas as terras do paiz onde temos agentes, e na «Editora» —Lisboa—L. do Conde Barão, 50.

## A AMBIÇÃO D'UM REI

por EDUARDO DE NORONHA

Obra illustrada com numerosas gravuras coloridas por Manuel de Macedo e Roque Gameiro, e impressa em magnifico papel.

*Nova edição popular*

Caderneta semanal de 16 paginas, 40 réis. Tomo mensal, 200 réis.

Um êxemplar GRATIS a quem remetter adeantamente a esta empreza a importancia de dez cadernetas ou tomos.

*Brinde a todos os assignantes*

Acceitam-se pedidos de qualquer numero de cadernetas e tomos.

**«A Editora»**—Largo do Conde Barão, 50—LISBOA

Precisam-se agentes em todas as terras do continente, colonias e Brazil.

## BAGAÇOS ALIMENTARES

VENDEM-SE na antiga casa de Manuel Maria, largo do mesmo nome, rua direita, d'esta cidade, e por preços vantajosos os melhores bagaços para alimentação de todos os animaes.

## DEPOSITO DE MACHINAS DE COSTURA

DA ACREDITADA FABRICA

## "PFAFF,,

**Fundada em 1862 em KAISERSLAUTERN**

**São estas as melhores machinas de costura**

A machina «PFAFF» para costureiras.
A machina «PFAFF» para alfaiates.
A machina «PFAFF» para modistas.
A machina «PFAFF» para sapateiros.
A machina «PFAFF» para seleiros.
A machina «PFAFF» para corrieiros.
A machina «PFAFF» para toda a classe de costura, desde a mais fina cambraia ao mais grosso cabedal.

**A machina «PFAFF» é sem duvida a rainha de todas as machinas de costura**

Ensino gratis. Garantia illimitada.

A prestações e a dinheiro com grandes descontos.

Para collegios e escolas de meninas, preços e condições especiaes.

Vende-se agulhas, oleo, accessorios e peças soltas para toda a classe de costura.

Conserta-se machinas de todos os systemas.

Peçam catalogos illustrados que se remettem gratuitamente.

Pedidos a

*José Maria Simões & Filho*

ANADIA—SANGALHOS

# METHODO JOAO DE DEUS

**Cartilha Maternal ou Arte de Leitura,** (1.ª parte) approvada pelo governo, 16.ª edição, br. 200 réis; cart. 300 réis.

**Deveres dos Filhos,** (2.ª parte ou 2.º livro de leitura), br., 200 réis, cart., 300 réis. 16.ª edição app. pelo governo.

**Album,** ou livro contendo as lições da CARTILHA, preço 5$000 réis.

**Quadros parietaes,** ou as mesmas licções da CARTILHA MATERNAL em 35 cartões, preço, 6$000 réis.

**Arte de escripta,** nove cadernos, a 30 réis; collecção, 270 réis.

**O Methodo de escripta,** vende-se aos CADERNOS ou ás COLLECÇÕES.

DO MESMO AUCTOR

**A Cartilha Maternal e o Apostolado,** (celebres polemicas sobre questões de pedagogia), 1 vol. de 280 paginas, preço 500 réis.

**A Cartilha Maternal e a Critica,** (2.ª parte das questões sobre o methodo de João de Deus, com prologo do dr. Trindade Coelho, 1 vol. de 372 pag. 500 réis.

**Prosas,** (narrativas, cartas, prologos, criticas, etc., coordenadas pelo dr. Theophilo Braga, 1 vol. de 745 pag., br. 800 réis

**Campo de Flores,** 3.ª edição de versos, coordenados pelo dr. Theophilo Braga, um elegante volume de 525 pag., com dois bellos retratos do auctor, preço, br. 700 réis.

**Opusculos pedagogicos de João de Deus Ramos.**

**Guia theorico e prático da Cartilha Maternal,** (obra indispensavel aos que ensinam a lêr pela arte de leitura de João de Deus), 160 réis.

**Os altos principios do Methodo de João de Deus,** 300 réis.

Todas estas obras escolares (de leitura e escripta) do methodo de João de Deus acham-se approvadas pelo governo e encontram-se á venda nas principaes livrarias de Portugal. Descontos para revender os do costume.

Os municipios, directores de collegios e professores de escolas tambem terão descontos especiaes.

**Pedidos ao deposito geral das obras de João de Deus Largo do Terreiro do Trigo, n.º 20, 1.º—LISBOA.**

Os srs. professores ou directores de collegios que pretendam quaesquer explicações ácerca das obras escolares de JOÃO DE DEUS, pódem dirigir-se á viuva do auctor (ou ao dr. João de Deus Ramos), rua João de Deus, 13, 1.º (á Estrella), Lisboa, aonde continuam a dar-se CURSOS GRATUITOS, explicando o referido methodo.

## Sapataria Marques d'Almeida & Irmão

N'ESTA acreditada sapataria, sita aos Arcos, ha sempre excellente calçado feito, tomando-se tambem encommenda por medida. Pela segurança da obra e pela boa qualidade dos cabedaes se responsabilisam os annunciantes.

Egualmente garantem a todos a modicidade de preços.

**Vêr para crêr**

## A NOVA PHASE

DO

## SOCIALISMO

POR

*JOÃO DE MENEZES*

A' venda na Livraria Central de Gomes de Carvalho, editor, 158, rua da Prata, 1[illegible] —LISBOA.

**Preço 200**